



A CONTRIBUIÇÃO DO RÁDIO PARA FORMAÇÃO CIDADÃ DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Rosane da Silva Nunes; Erlane Cristhynne Felipe dos Santos

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
rosane.nunes@yahoo.com.br; erlanefelipe@gmail.com

RESUMO

A formação do indivíduo envolve práticas de sociabilidade para as quais plataformas de comunicação são um campo relevante na contemporaneidade. Em se tratando de pessoas com deficiência visual, o rádio se destaca como um meio eficaz de socioeducação. Esse trabalho aborda o uso do rádio por locutores com deficiência visual. Para tanto, segue procedimentos metodológicos de natureza qualitativa, amparados nos instrumentos da pesquisa bibliográfica e entrevistas semi-estruturadas. O estudo aponta que o rádio contribui para a formação cidadã de deficientes visuais que saem da posição de receptores e passam a emitir mensagens.

Palavras-chaves: educação, comunicação radiofônica, pessoas com deficiência visual.

Introdução

A unisensorialidade do rádio o torna um veículo peculiar em linguagens e narrativas, pois carrega um potencial semiológico bastante propício à interatividade e à imaginação. Não é por acaso que mesmo sendo o pioneiro na comunicação de massa, com quase um século de existência, ainda alcance consideráveis audiências em todas as faixas etárias. Trata-se de um veículo que se aproxima do público por meio da coloquialidade, da regionalização cultural e da emoção traduzidas principalmente pela performance vocal dos locutores. A voz é o principal elemento da linguagem radiofônica que, acompanhada da música, dos efeitos sonoros e até mesmo do silêncio, tecem narrativas que despertam a atenção do ouvinte (SILVA, 1999). Além disso, o veículo guarda o potencial que assiste à todos os meios de comunicação: o de canal para o exercício da cidadania, tanto do emissor quanto do receptor.

No caso do rádio, devido à relativa facilidade técnica de veiculação, o acesso à produção de conteúdos é mais simples que na televisão e bem próximo à acessibilidade da Internet, fato que torna o veículo rádio o mais propenso à comunicação e mobilização



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

populares. Em sua gênese, o rádio foi instrumento de educação, e ao longo de sua história, continua sendo um meio bastante utilizado por movimentos sociais em ações formativas de indivíduos ou grupos vulneráveis socialmente. Nas escolas, as rádios escolares são importantes instrumentos de educomunicação e empoderamento do indivíduo. Exemplo disso foram as Escolas Radiofônicas no município de Natal, experiência promovida pelo Serviço de Assistência Rural - SAR e que se tornou modelo para o Movimento de Educação de Base - MEB em todo o Brasil (CARVALHO et al, 2009). Sendo assim, esse meio de comunicação pode ser uma ferramenta de formação cidadã e inclusão social, inclusive para pessoas com deficiência visual. É sobre a relação entre esses sujeitos e o rádio que trata o presente trabalho.

A partir da década de 1970 surgem as organizações “de” e “para” pessoa com deficiência. Segundo Santos (1995, p. 24), "até os anos 80 a integração desenvolveu-se dentro de um contexto histórico em que pesaram questões como igualdade e direito de oportunidades". Isso implica dizer que começaram a surgir os movimentos de pessoas com deficiências. A partir disso essa questão ganhou visibilidade perante a sociedade, pois até então era como se esses indivíduos não existissem. Antes desse período, as pessoas com deficiência visual eram mais reservadas ao âmbito familiar. Pode-se assim dizer que mereciam caridade e não cidadania. Ao longo do processo histórico educacional da pessoa com deficiência visual, existiram os desafios, que estão intimamente relacionados ao preconceito, desconhecimento de suas condições e as questões dos recursos utilizados por essas pessoas no processo de formação educacional, sobre o qual é imprescindível destacar que esta tem um déficit em relação aos “ditos normais”. Tendo em vista os vários fatores que dificultam a inclusão plena de tais pessoas, o preconceito figura como o maior deles. Como consequência, muitas pessoas nessa condição sofrem discriminação nas escolas, assim como em diversas esferas sociais.

Nosso objetivo é identificar o impacto da prática radiofônica na vida das pessoas com deficiência visual, quais as possíveis contribuições nos aspectos sociais, políticos e educativos. Salienta-se que existe ainda um conhecimento muito informal quanto à relevância do rádio na comunicação de tais grupos. Quanto a isso faz-se necessário o esclarecimento de que o uso do rádio pode ser mais conveniente do que o uso da televisão, tendo em vista que esta a linguagem audiovisual deixa algumas lacunas na informação, pois em sua maioria mostra imagens sem o recurso da audiodescrição. Esse recurso midiático, seja na plataforma convencional de transmissão por ondas ou via Internet, pode ser utilizado também a educação a distância de pessoas com deficiência visual que



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

residem em lugares distantes. Além disso, por meio deste instrumento, o conhecimento da realidade vem sendo noticiado de forma conveniente a um público desprovido do recurso visual.

Godoy (2003), em pesquisa sobre a relação entre o rádio e o deficiente visual, constatou que as características que este público mais admira no locutor são a espontaneidade, a simplicidade e a forma simpática e sincera de tratar o ouvinte. O uso correto de técnicas de redação radiofônica, como a ordem direta nas frases e períodos curtos, também foram apontados pelos deficientes visuais como recursos que facilitam o entendimento da mensagem. Outro aspecto relevante apontado na pesquisa é que os demais veículos discriminam quem pode enxergar, conforme relato de um dos entrevistados pela pesquisadora: “é discriminação quando dizem ligue para o número em sua tela. No rádio a pessoa fala e repete a informação... para mim não tem nada que o substitua” (SIQUEIRA apud GODOY, 2003, p. 8). Uma característica valorizada por muitos no rádio é servir como companhia, sendo este um atributo indicado pelos entrevistados também: “eu concordo com a ideia de que o rádio chega mais perto das pessoas, através do rádio você consegue transmitir muitas coisas para as pessoas, mais que a televisão” (FROTA apud GODOY, 2003, p. 9). Essa sensação de proximidade, de companhia se dá tanto pelas características supracitadas do veículo como pelo potencial do som de mediador entre o mundo material e o invisível, fazendo com que os conteúdos mediados pela oralidade mediatizada do rádio tenham uma carga emocional, como frisa Kaseker (2012, p. 33), “uma característica bastante comum é associação da escuta a condição de solidão. O rádio é companheiro e conecta o ouvinte a vozes familiares que sempre estarão por perto”.

Com base nas considerações até aqui destacadas, nota-se que o rádio pode ser largamente utilizado por pessoas cegas, tanto na qualidade de ouvintes como de locutores. É sobre esse último segmento que trazemos resultados nesse trabalho. Pode-se considerar com o desenvolvimento desta pesquisa, a relevância social e científica do assunto abordado, por ser uma área de estudo que aborda a inclusão social de pessoas com deficiência a partir do uso de instrumentos midiáticos de comunicação, podendo ser um campo de emergência no âmbito dos estudos em educação inclusiva.

2. Metodologia

Esse trabalho ancora-se em pesquisa de abordagem qualitativa, uma vez que trará subjetividades da interpretação das autoras dos dados

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

levantados na pesquisa bibliográfica, uma das bases metodológicas desse trabalho. Tais percepções apoiarão o levantamento teórico sobre a relação entre rádio e formação cidadã. Também apresentaremos resultados de entrevistas semi-estruturadas realizadas com locutores radiofônicos com deficiência visual sobre sua vivência com o rádio. Por se tratar de um trabalho que aborda o potencial educativo do rádio por pessoas com deficiência visual, reflexões teóricas sobre o potencial do rádio como veículo de educomunicação e questões referentes à educação inclusiva orientam o olhar das pesquisadoras.

Considerando que o trabalho aborda questões referentes ao rádio e a pessoa com deficiência visual, é imprescindível saber a opinião de tais pessoas a respeito deste veículo de informação e comunicação. Para tanto, trazemos percepções de dois locutores. A amostragem não tem suporte quantitativo, pois optamos por uma abordagem qualitativa, base maior da pesquisa social. O instrumento metodológico foi o questionário semi-estruturado, que apontou para quatro pontos-chave: o que o rádio representa para o entrevistado, na condição de ouvinte e na condição de locutor; como se tornou locutor; quais as dificuldades enfrentadas e qual a influência da locução radiofônica para a formação cidadã. Foram entrevistados dois locutores¹, sobre os quais discorreremos a seguir.

3. Resultados e Discussão

Foram entrevistadas duas pessoas cegas com experiência profissional em locução de rádio. Sendo um com uma longa carreira já percorrida na área de comunicação radiofônica, porém atuando apenas como locutor, tendo em vista que não domina as plataformas de rádio, sejam estas de rádio web ou convencional. Já o outro, apesar da pouca experiência em locução, demonstra habilidade em manusear com precisão as ferramentas mais antigas usadas para locução. Vale ressaltar que apesar do discurso de ambos divergirem em alguns pontos, existem um pontos de vistas em comum nas falas dos entrevistados, conforme observaremos a seguir.

José Veríssimo dos Santos, 54 anos, é divorciado, cursou até o ensino médio e reside em Juazeiro do Norte, Ceará. Possui cegueira congênita, é ouvinte de rádio desde os nove anos de idade e sempre gostou de ouvir programas de forró. Foi com eles que aprendeu a tocar sanfona, sozinho, apenas ouvindo o rádio. É locutor de rádio há 17 anos, começou na rádio comunitária Líder FM, em Juazeiro do Norte e atualmente trabalha na Rádio Verde Vale

¹ Os entrevistados assinaram termo de autorização de uso de depoimentos e imagens.
(83) 3322.3222



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

AM, localizada no mesmo município e uma das mais ouvidas da região. É fundador e presidente da Associação de Pessoas com Deficiência Visual do Cariri. A entrevista com Veríssimo foi realizada presencialmente, em 27 de maio de 2016.

Humberto Pires do Carmo, 49 anos, é solteiro, cursou até o ensino médio e reside em Salvador, Bahia. Sua condição de deficiência visual é congênita, causada por glaucoma, o que o fez com cinco anos perder a visão por completo. É ouvinte de rádio desde os cinco anos de idade e sempre gostou de ouvir programas de notícias e de música sertaneja, mas gostava de Jazz e Blues também, aproximando-se depois do Rock e do estilo Pop. É locutor de rádio há dois anos, militante e ativista do Movimento VCB (Visibilidade Cegos Brasil), que defende a efetivação dos direitos das pessoas com deficiência, em especial das que possuem deficiência visual. Esse movimento fundou uma rádio em 2014².

Indagados sobre o que o rádio representa para si na condição de ouvinte, Veríssimo é taxativo: “Representa tudo. Ele foi e continua sendo meu companheiro”. Sua resposta reafirma o caráter educativo não formal do rádio, além de seu potencial de fazer companhia aos ouvintes, como frisou Kaseker (2012). Já Humberto usou um tom poético, mas sucinto dizendo: “Um veículo maravilhoso de comunicação. É a diferença entre ter o mundo ou não ter.” Essa opinião sobre o rádio vai ao encontro do pensamento de Godoy (2002), para a qual os veículos de comunicação podem manter informados todos dos cidadãos de forma crítica, incluindo-os na sociedade. Muito embora em diversos momentos este papel social deixe algumas lacunas - como em diversas situações em que as pessoas com deficiência visual se deparam com um noticiário posto na televisão, não permitindo uma compreensão exata do que está acontecendo.

Sobre o sentido do rádio para os entrevistados, Veríssimo destaca o apoio desse veículo na promoção de seu trabalho como músico, pois além de sanfoneiro, é também compositor e cantor, tendo gravado um CD: “em primeiro lugar eu sou artista e sem o rádio, o artista não vai a lugar nenhum, é ele quem divulga nosso trabalho”. Nessa resposta, o entrevistado aponta para uma característica do veículo ainda não considerada na pesquisa, o potencial de afirmação social que o meio de comunicação dá ao locutor e, sendo este deficiente visual, tal exposição pode ajudá-lo a superar barreiras e firmá-lo como cidadão que tem uma profissão, no caso, a de músico. O locutor Humberto destaca que também é músico, sanfoneiro, tecladista, compositor e cantor. Frisou sobre a importância do rádio para o seu trabalho como locutor, dizendo: “É uma forma de expressão que não tem barreiras”.

² Disponível em www.visibilidadecegosbrasil.com.br. Acesso em 17 jun 2016.
(83) 3322.3222



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Conhecer a forma de ingresso na profissão de locutor é importante para compreender quais os possíveis canais de acesso da pessoa com deficiência em um mundo marcado pela exclusão. No caso de Veríssimo, a porta para esse mundo foi a música. Começou tocando em bandas de forró, em seguida gravou seu primeiro CD. Daí veio sua proximidade com os bastidores do rádio e conseguiu liderar um programa musical em uma rádio comunitária. Notamos aqui a importância do acesso à arte e cultura para afirmação da pessoa, pois foi através dela que uma pessoa deficiente chegou à profissão de radialista. Para Humberto, Tendo em vista o movimento VCB, surgiu a necessidade de se criar um espaço virtual de interação para tratar de assuntos do interesse deste público. Como afirma Humberto, o movimento “precisava de um locutor que tivesse coragem de dizer o que muitos locutores não poderiam jamais falar... eu me coloquei na posição de voluntário e deu certo.”

Sobre as dificuldades enfrentadas para exercer a profissão, Veríssimo foi taxativo ao afirmar que não possuía nenhuma dificuldade. Já Humberto enfatizou que os softwares mais novos de rádio não permitem acesso pleno à pessoa com deficiência visual. Questionamos o porquê dessa falta de acessibilidade e ele prontamente respondeu:

As mais modernas ferramentas de produção de rádio que funcionam no computador, elas possuem cronômetro para que as inserções dos comerciais aconteçam na hora exata e essa inserção já gera automaticamente os custos. Todo o sistema de gerenciamento de uma rádio, desde os discos que a rádio toca até o holerite que paga as pessoas... O sistema de cobrança de direitos autorais, tudo isso é gerenciado por um só programa. Esse programa é inacessível. Eu só posso dizer da seguinte forma: a rádio, desde a discoteca até sair no pagamento do presidente da rádio é automatizado. É baseado em cálculos dentro do próprio programa. E esse programa é inacessível. Assim como os códex são inacessíveis, também o transmissor de *streaming*³ é inacessível. Tudo isso é inacessível, nos novos programas, nas novas plataformas. Enfim, as novas plataformas de transmissão de rádio no computador, quer seja rádio FM ou rádio WEB, são plataformas totalmente inacessíveis para a pessoa com deficiência visual. Por essa razão usamos as ferramentas antigas, tendo em vista que as atuais são inacessíveis. E até mesmo essas antigas são parcialmente acessíveis.

Por fim, indagados sobre qual a influência do rádio para a formação cidadã, Veríssimo apontou que foi o respeito adquirido ao tornar-se locutor:

Antes de eu trabalhar no rádio, era muito desrespeitado por algumas pessoas que me tratavam por cego. Primeiro eu fico pensando: eu não sou cego, pois um cego pra mim são aquelas pessoas que estão vendo uma coisa errada e não procuram fazer de forma correta; segundo, porque para se fazer determinadas coisas, mesmo sem estar vendo nada, eu faço. Como por exemplo: trocar uma tomada, mexer em eletricidade, sei como colocar um

³ Forma de transmissão de som e imagem que dispensa efetuar download, a transmissão ao usuário é direta.
(83) 3322.3222



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

cano d'água, subir num telhado para concertar uma goteira, eu sei as ruas, as lojas... Diante disso, como vou me colocar como uma pessoa cega? E frente a isso o rádio me trouxe esse respeito, porque hoje as pessoas me consideram por Veríssimo, quando não sabem o meu nome, me chamam por o radialista, o sanfoneiro... Mas ninguém mais me chama de cego não. Isso foi depois que eu comecei a trabalhar no rádio. Por isso que o rádio pra mim é tudo.

Na fala de Veríssimo, é possível identificar o pilar do discurso inerente aos direitos humanos: “o respeito ao outro.” Foi com o rádio que ele obteve esse direito de ser respeitado pelo que se é. No caso de Humberto, destacou: “Tem toda influência para minha formação de cidadão... me tornei uma pessoa mais consciente da Cidadania e dos seus reflexos sobre a sociedade, depois que me tornei um locutor de rádio.”

Com base nas percepções dos entrevistados, podemos inferir que o rádio representa para a pessoa com deficiência visual a possibilidade de inclusão nas relações de sociabilidade, fato que por si só, já denota o potencial socioeducacional dessa plataforma de comunicação.

Considerações Finais

Na condição da pessoa com deficiência, o preconceito é uma das principais barreiras enfrentadas, pois se encontra alicerçado na falta de conhecimento da deficiência em si por ser vista como uma incapacidade que limita as pessoas a diversas esferas sociais. De acordo com Melo (2010), o desconhecimento e os estigmas formados em torno da deficiência, contribuem para que essas pessoas sejam vistas como seres interpretáveis. Além do maior desafio que é enfrentar o preconceito, existem diversas barreiras, entre elas o acesso aos dispositivos eletrônicos de altos custos, como por exemplo, o JAWS, leitor de tela que permite a pessoa com deficiência visual ter autonomia diante de um computador. Existem ferramentas que propiciam acessibilidade, tanto no que se refere ao mundo cultural quanto científico. A falta destas ferramentas provoca o acesso restrito à informação. Esse fato ocorre em razão da necessidade de materiais adaptados. Sejam estes em braile, escrita ampliada, sintetizadores de voz, áudio livros, dentre outros.

Pensando a educação em outros contextos, a realidade é a mesma, visto que a precariedade de recursos permanece. Nessa conjuntura, o rádio pode constituir um instrumento relevante na educação, por se tratar de um veículo de comunicação essencialmente falado. Desta forma, traz para o cotidiano da sociedade, assim como para a vida das pessoas com deficiência visual, grandes contribuições. Salienta-se que apesar de vários formatos midiáticos disponibilizados, o rádio



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

ainda hoje é umas das principais fontes para que a pessoa com deficiência se mantenha informada acerca do que ocorre na sociedade, posto que muitas vezes tais pessoas não dispõem de outro veículo condizente com suas necessidades de acordo com as possibilidades existentes.

Buscamos trabalhar os pontos nodais entre esferas importantes na tessitura complexa dos debates em torno da educação inclusiva, ao aproximar a temática da educação não formal proporcionada pelo acesso a um veículo de comunicação de caráter fortemente popular que é o rádio. Portanto, os elementos teóricos e empíricos aqui apresentados lançam luz sobre questões relativas aos direitos humanos e a importância do exercício destes para a formação social do indivíduo, tendo como fio condutor desse processo formativo a prática da comunicação midiática, a qual ingressou definitivamente no campo da educação desde o surgimento da sociedade da informação.

As percepções dos entrevistados corroboram a forte interface entre comunicação e educação ao apontar para o viés formativo desse veículo para os locutores com deficiência visual. Entendemos que os resultados obtidos constituem um recorte delimitado da questão e que, devido a ainda baixa produção científica sobre o uso do rádio por pessoas com deficiência visual, o trabalho pode contribuir para a construção de conhecimento nessa área. No entanto, há muito o que se vislumbrar nessa relação entre educação inclusiva, comunicação e cidadania. Esse trabalho oferece uma contribuição ao trabalho realizado dentro e fora da academia no sentido de fortalecer essa tríade.

Referências Bibliográficas

CARVALHO, M. A. D. et al. **Escolas Radiofônicas de Natal**: uma história construída por muitos. Brasília: Liber Livro Editora, 2009.

GODOY, E. R. **Rádio: O Informante dos que não enxergam**. 2002. 107 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Engenharia de Produção, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade de Santa Catarina, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002. Cap. 1. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/87212/227678.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 21 maio 2016.

MELO, F. R. L. V. **Interações com pessoas com deficiência**: algumas orientações básicas. Natal, RN: Comissão Permanente de Apoio a Estudantes com Necessidades Educacionais Especiais, 2010.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

KASEKER, M. P. **Modos de ouvir: a escuta radiofônica ao longo de três gerações.** Curitiba: Champagnat, 2012.

SANTOS, M. P. **Perspectiva histórica do movimento integracionista na Europa.** Revista Brasileira de Educação Especial, (3), p. 21-29. Piracicaba: UNIMEP, 1995.

SILVA, Júlia Lúcia de Oliveira Albano da. **Rádio: oralidade mediatizada.** São Paulo: Annablume, 1999.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br